

«UMA LEITURA ENVOLVENTE E INQUIETANTE  
QUE NOS VAI DAR QUE PENSAR.»

THE SUN



# ALMAS GÉMEAS

ATÉ ONDE IRIA PARA ENCONTRAR  
O SEU PARCEIRO IDEAL?

JOHN MARRS  
BESTSELLER INTERNACIONAL

TOP  
SEL  
LER

*«Amar ou ter amado é o bastante.  
Ninguém peça mais nada.  
Não há outra pérola que se possa encontrar  
nas pregas negras da vida.»*

VICTOR HUGO, *Os Miseráveis*

Obrigado por escolher **Match Your DNA®**, o primeiro **TESTE CIENTIFICAMENTE COMPROVADO** do mundo que lhe dá 100% de garantia de encontrar **o seu parceiro ideal**, a **única pessoa** por quem está geneticamente programado para se apaixonar.

Com **1,7 mil milhões de pessoas que já encontraram o seu parceiro ideal** ou estão na nossa base de dados, é o método infalível para encontrar a sua **Alma Gémea**.

O SEU PAR IDEAL ESTÁ APENAS A **TRÊS PASSOS DE DISTÂNCIA:**



Inscreva-se gratuitamente [aqui](#).



Receba o nosso kit de teste de ADN **grátis**: basta que nos envie uma amostra de saliva no recipiente fornecido e usaremos o seu ADN para encontrar o seu parceiro ideal na nossa base de dados.



Assim que encontrarmos o seu parceiro ideal, entraremos em contacto consigo. Após o pagamento pô-los-emos em contacto um com o outro.

Se ainda não tem um parceiro ideal, não se preocupe! **Milhares de novos utilizadores aderem ao Match Your DNA todas as semanas, e 98% dos parceiros são atribuídos num prazo de seis meses após o registo.**



## MANDY

Mandy fitou a fotografia exibida no ecrã do computador e susteve a respiração por um momento.

O homem em tronco nu tinha cabelo curto castanho-claro e posava numa praia, com as pernas afastadas e a metade superior do fato de surf enrolado até à cintura. Os seus olhos eram do tom mais claro de azul. O enorme sorriso mostrava duas filas perfeitamente alinhadas de dentes brancos, e ela quase sentia o sabor da água salgada que escorria do seu peito para a prancha de surf aos seus pés.

— Oh, meu Deus — murmurou para si mesma, soltando uma longa inspiração que não se apercebera de estar a suster. Sentiu um formigueiro na ponta dos dedos e o rosto a corar, e perguntou-se como reagiria o seu corpo ao vê-lo ao vivo, se já ficava naquele estado com uma simples fotografia.

O café no seu copo de poliestireno estava frio, mas bebeu-o na mesma. Copiou a fotografia e colou-a numa pasta recém-criada no seu computador, a que deu o nome de «Richard Taylor». Passou os olhos pelo escritório, para ver se alguém reparava no que fazia no seu cubículo, mas ninguém estava a prestar-lhe atenção.

Mandy foi descendo no ecrã, para ver as outras fotografias no álbum «Por Esse Mundo Fora» do *Facebook* de Richard. Ele era, sem dúvida, bastante viajado, reparou, e estivera em sítios que ela só tinha visto na televisão ou em filmes. Em muitas fotografias,

encontrava-se em bares, trilhos ou templos, posando junto de monumentos famosos, desfrutando de praias de areia dourada e águas turbulentas. Raramente estava sozinho. Agradou-lhe que ele parecesse do género gregário.

Curiosa, recuou na cronologia de Richard, vendo o seu perfil desde que entrara nas redes sociais, no 12.º ano, e ao longo dos três anos da universidade. Até como adolescente desajeitado o achou atraente.

Depois de uma hora e meia a espiolar praticamente toda a história do belo desconhecido, Mandy consultou o seu *feed* do *Twitter*, para ver o que ele sentia necessidade de partilhar com o mundo. Mas do que Richard mais falava era da ascensão e queda do Arsenal na Primeira Liga, embora houvesse um ou outro *retweet* de animais a caírem sobre objetos estáticos ou a colidirem com os mesmos.

Os interesses de ambos pareciam ser extremamente diferentes, e ela questionou-se por que razão constituíam, exatamente, uma correspondência, e o que poderiam ter em comum. Depois lembrou-se de que já não precisava da atitude mental típica para usar sites e aplicações de encontros; o *Match Your DNA* baseava-se em biologia, química e ciência, coisas de que ela não percebia nada. Mas acreditava nelas com todo o seu coração, tal como milhões e milhões de outras pessoas.

Mandy passou ao perfil do *LinkedIn* de Richard, onde descobriu que, depois de se licenciar na Universidade de Worcester, dois anos antes, trabalhara como *personal trainer* numa cidade a cerca de 60 quilómetros da dela. *Não admira que o seu corpo tenha um aspeto tão robusto*, pensou, imaginando qual seria a sensação de o ter em cima do seu.

Ela não pusera os pés num ginásio desde que começara a trabalhar, um ano antes, quando as irmãs tinham insistido que devia parar de se lamentar pelo seu casamento falhado e começar a concentrar-se na sua recuperação. Tinham-na levado para um hotel com spa, onde tivera direito a ser massajada, depilada a pinça e a cera e recebera uma massagem com pedras quentes, uma sessão

de bronzamento e mais outra massagem, até qualquer pensamento sobre o seu ex-lhe ser arrancado de todos os nós nas costas e nos ombros e expelido por cada poro entupido da sua pele. Seguiria-se a inscrição no ginásio, juntamente com a promessa de cumprir o plano de exercícios concebido para ela. Motivar-se para se exercitar regularmente tinha ainda de se tornar parte da sua rotina semanal, mas, fosse como fosse, pagava a mensalidade.

Começou a imaginar como seriam os seus filhos com Richard, se herdariam os olhos azuis do pai ou se os teriam castanhos, como ela; se teriam cabelos escuros e pele cor de azeitona como ela ou cabelos claros e pele branca como ele. Deu por si a sorrir.

— Quem é esse?

— Caraças! — gritou ela. A voz fizera-a dar um salto. — Pregaste-me cá um susto!

— Bem, talvez não devesse estar a ver pornografia no trabalho, então.

Olivia sorriu e ofereceu-lhe uma goma de um saco da *Haribo*. Mandy declinou, abanando a cabeça.

— Não é pornografia, é um velho amigo.

— Pois, pois, se tu o dizes. Mas mantém-te de olho no Charlie, ele quer que lhe dê uns números de vendas.

Mandy revirou os olhos, depois olhou para o relógio no canto inferior do ecrã. Percebeu que, se não começasse rapidamente a produzir algum trabalho, acabaria por ter de o levar para casa. Clicou no pequeno «x» vermelho no canto superior do ecrã e amaldiçoou a sua conta de *Hotmail* por assumir que o e-mail de confirmação do *Match Your DNA* era spam. Ficara nessa pasta nas últimas seis semanas, até que, por acaso, o descobrira ao início da tarde.

— Mandy Taylor, esposa de Richard Taylor; prazer em conhecê-lo — murmurou. Apercebeu-se de que, distraidamente, revirava uma aliança invisível no dedo anelar.



## CHRISTOPHER

Christopher remexeu-se de um lado para o outro na poltrona, até encontrar uma posição confortável.

Apoiou os cotovelos em ângulos de 90 graus nos braços da cadeira e inalou profundamente, para absorver o cheiro do estofado de pele. *Ela não foi sovina com a qualidade*, pensou, seguro, tanto pelo cheiro como pelo toque suave, de que a cadeira não tinha sido comprada numa loja qualquer.

Enquanto ela permanecia na cozinha adjacente, Christopher dava uma vista de olhos ao apartamento. Ela vivia no piso térreo de um edifício vitoriano imaculadamente restaurado, que, de acordo com um vitral sobre a porta da frente, fora outrora um convento. Admirou o gosto dela para ornamentos de cerâmica, dispostos em prateleiras embutidas nas paredes em redor da chaminé da lareira. A sua escolha de literatura, porém, deixava muito a desejar. Franziu o nariz às obras brochadas de James Patterson, Jackie Collins e J.K. Rowling.

Noutro ponto da sala, um tabuleiro quadrado forrado a camurça fora colocado no centro de uma robusta mesa de apoio, onde se encontravam dois controlos remotos. Quatro individuais a condizer tinham sido perfeitamente dispostos em seu redor. O uso que ela fazia da simetria deixou-o confortável.

Christopher passou a língua pelos dentes e detetou uma lasca de pistáchio que ficara presa entre um canino e um incisivo lateral.

Como não conseguiu desalojá-la, usou a unha, também sem resultado, fazendo uma nota mental para inspecionar o armário da casa de banho em busca de fio dental antes de sair. Pouquíssimas coisas o irritavam tanto como um pedaço de comida preso. Uma vez abandonara um encontro a meio da refeição porque ela tinha um pedaço de couve nos dentes.

Uma vibração no bolso das calças fez-lhe cócegas na virilha; não era uma experiência completamente desagradável. Por regra, Christopher era bastante exigente em relação a desligar o telefone nos momentos apropriados, e desprezava as pessoas que não lhe devolviam essa cortesia. Mas nesse dia abriu uma exceção.

Tirou o telefone do bolso e leu a notificação no ecrã; era um e-mail do *Match Your DNA*. Lembrava-se de, por impulso, lhes ter mandado uma amostra de ADN há alguns meses, mas ainda não recebera uma correspondência. Até agora. Perguntavam na mensagem se estaria interessado em pagar para receber as informações de contacto do seu parceiro ideal. *Estarei?*, pensou. *Estarei mesmo?* Guardou o telefone e imaginou qual seria a aparência da sua parceira ideal, antes de decidir que era inadequado pensar numa segunda mulher, quando se encontrava ainda na companhia da primeira.

Levantou-se e foi à cozinha, vendo-a onde a deixara alguns minutos antes, deitada de costas no chão frio de mosaicos, com o garrote ainda apertado no pescoço. Já não sangrava, e as últimas gotas empoçavam em torno da gola da blusa.

Tirou uma *Polaroid* digital do casaco, usou-a para tirar duas fotografias idênticas ao rosto dela e depois esperou pacientemente pela revelação. Colocou ambas num envelope A5 cartonado, que guardou no bolso.

Em seguida, Christopher guardou o seu *kit* na mochila e saiu, esperando até se encontrar na escuridão do jardim para retirar as proteções de plástico dos sapatos, a máscara e a balaclava.





## JADE

Jade sorriu quando uma mensagem de Kevin piscou no ecrã do telemóvel.

*Olá, miúda linda, como estás?*

Agradava-lhe que Kevin comesse sempre as suas mensagens com a mesma frase.

*Estou bem, obrigada,* respondeu, acrescentando um emoji amarelo de cara sorridente. *Mas exausta.*

*Desculpa não ter enviado mensagem mais cedo. Tem sido um dia ocupado. Não ficaste chateada, pois não?*

*Um bocadinho, mas sabes como eu posso ser uma cabra rabugenta. Que estiveste a fazer?*

No ecrã surgiu a fotografia de um celeiro de madeira e de um trator sob um sol muito brilhante. Dentro do celeiro, Jade conseguia distinguir vagamente gado atrás de barras de metal e equipamento de ordenha fixado aos seus úberes.

*Tenho estado a reparar o telhado da vacaria. Não é que já esperemos chuva, mas é melhor fazê-lo agora. E tu?*

*Estou na cama, de pijama, a olhar para os hotéis esquisitos do site da Lonely Planet de que me falaste.*

Jade moveu o portátil para o chão e observou o mapa onde assinalara com alfinetes os lugares que queria visitar.

*Fantásticos, não são? Um dia temos de viajar juntos pelo mundo e visitá-los.*

*Quase me faz desejar ter tirado um ano depois da universidade, para viajar de mochila às costas com os meus colegas.*

*Porque não foste?*

*É uma pergunta mesmo estúpida — na minha terra, o dinheiro não nasce nas árvores.*

Se ao menos nascesse, pensou. A mãe e o pai não tinham muito, e ela fora obrigada a pagar os seus estudos. Tinha um empréstimo de estudante do tamanho do rio Tyne para pagar, enquanto todos os colegas da universidade tinham partido para viver o seu sonho de viajar pela América. As constantes atualizações no *Facebook*, com fotos em que se divertiam sem ela, deixavam-na a ferver.

*Detesto interromper a conversa, linda, mas o meu pai quer que o ajude a dar de comer aos animais. Envias mensagem mais tarde?*

*Estás a brincar?*, respondeu Jade, irritada por não terem mais tempo, pois tinha esperado toda a noite para falar com ele.

*Amo-te. Bjs, escreveu Kevin.*

*Pois, está bem*, replicou ela, pousando o telefone. Pouco depois, voltou a pegar-lhe e escreveu:

*Também te amo. Bjs*

Jade saiu de baixo do volumoso edredão e pôs o telefone a carregar na mesa de cabeceira. Olhou para o espelho de corpo inteiro, em cuja moldura colara fotografias dos amigos ausentes em viagem, e jurou reduzir as olheiras em torno dos olhos azuis, dormindo mais tempo e bebendo mais água. Fez uma nota mental para cortar os caracóis ruivos no fim de semana e oferecer-se um bronzamento com *spray*. Sentia-se sempre melhor quando a sua pele pálida exibia um toque de cor.

Voltou para a cama e pensou em como a sua vida teria sido diferente se tivesse feito aquele ano de pausa com os colegas. Talvez isso lhe tivesse dado a coragem de ignorar a pressão dos pais para voltar a Sunderland após os seus três anos em Loughborough. Sendo o primeiro membro da família a ter a oportunidade de frequentar a universidade, eles não compreendiam por que motivo os empregadores não estavam a deitar-lhe a porta abaixo com ofertas assim que se licenciara. E quando as contas dos cartões de crédito e dos empréstimos começaram a acumular-se, pouco mais lhe restara além de escolher entre declarar bancarrota aos 21 anos ou voltar para a casa de família de onde pensara ter escapado.

Ela não gostava da pessoa zangada e frustrada em que se tornara, mas não sabia como mudar. Guardava rancor dos pais por a terem feito regressar e começara a isolar-se deles. Quando conseguiu voltar a pagar o seu próprio apartamento, mal se falavam.

Também os culpava pelo seu fracasso na construção de uma carreira ligada às viagens e ao turismo, e por a fazerem passar os dias de trabalho atrás da receção de um hotel nos arrabaldes da cidade. Devia ter sido um emprego provisório, mas acabara por se tornar definitivo. Jade estava farta de andar tão irada com toda a gente, e ansiava por voltar à vida que originalmente imaginara para si mesma.

O único ponto positivo em cada dia monótono era falar com o homem a quem lhe haviam atribuído a correspondência no *Match Your DNA*. Kevin.

Sorriu à fotografia mais recente que tinha dele, que a observava da sua moldura na estante. Ele tinha cabelo e sobrancelhas louros, quase brancos, um sorriso de orelha a orelha, e o seu corpo bronzeado era magro mas musculoso. Ela não podia tê-lo inventado nem que tentasse.

Ele apenas lhe mandara um punhado de fotografias ao longo dos sete meses em que se conheciam, mas desde o primeiro momento em que tinham falado ao telefone e Jade experimentara o arrepio sobre o qual lera nas revistas, tinha a certeza de que não havia nenhum homem no mundo mais adequado para ela.

*O destino podia ser canalha*, pensou, tendo colocado o seu parceiro ideal do outro lado do mundo, na Austrália. Talvez um dia ela se encontrasse com ele, se viesse a ter dinheiro para isso.



## NICK

— Oh, claro que devem fazê-lo — incentivou Sumaira, com um grande sorriso na cara e um brilho diabólico nos olhos.

— Porquê? Já encontrei a minha Alma Gémea — disse Sally, entrelaçando os dedos nos de Nick.

Nick debruçou-se sobre a mesa de jantar para alcançar o *Prosecco* com a outra mão. Deitou as últimas gotas no seu copo.

— Alguém quer mais um copo? — ofereceu. Após um animado sim dos convidados, soltou-se da mão da noiva e dirigiu-se à cozinha.

— Mas queres ter a certeza, não queres? — pressionou Sumaira. — Quero dizer, vocês estão muito bem juntos, mas nunca se sabe quem mais anda por aí...

Nick voltou da cozinha com a garrafa — a quinta da noite — e estava prestes a servir Sumaira. Deepak tapou o copo da mulher.

— Ela está bem, amigo. Aqui a Senhora Desbocada já bebeu o bastante para uma noite.

— Desmancha-prazeres — disse Sumaira com uma careta. Virou-se de novo para Sally. — Só estou a dizer que, antes de subires ao altar, deves ter mesmo a *certeza* de que encontraste a tua Alma Gémea.

— Fazes com que isso pareça tão romântico — disse Deepak, revirando os olhos. — Mas não te cabe decidir por eles, pois não? Se não estiver estragado, não tentes repará-lo.

— Conosco o teste funcionou, não foi? Bem, nós já sabíamos, mas deu-nos uma garantia extra de que sempre estivemos destinados a ficar juntos.

— Hum, podemos não nos transformar num desses casais pedantes e moralistas, por favor?

— Tu não precisas de fazer parte de um casal para seres pedante e moralista, querido.

Foi a vez de Sumaira revirar os olhos. Bebeu o resto do conteúdo do seu copo sob o olhar vigilante do marido.

Nick repousou a cabeça no ombro da noiva e observou pela janela o brilho dos faróis dos carros e as pessoas que vagueavam no passeio à porta do pub. O apartamento onde viviam ficava numa fábrica reconvertida e tinha janelas de cima a baixo — era impossível não ver a rua movimentada lá fora e recordar o seu modo de vida de antigamente. Pouco tempo antes, a sua noite habitual teria sido de borga, em bares nas zonas da moda de Birmingham, antes de adormecer num autocarro noturno e acordar a muitas paragens de casa.

Mas as suas prioridades tinham mudado quase do dia para a noite quando conhecera Sally. Ela tinha 30 e poucos anos — mais cinco do que ele —, e Nick soubera desde a sua primeira conversa, acerca de filmes antigos de Hitchcock, que havia algo de diferente nela. Nos seus primeiros dias juntos, ela adorara abrir-lhe a mente a novos destinos de viagem, novas comidas, novos artistas e música, e Nick começara a ver o mundo de uma perspetiva diferente. Quando a olhava, com as suas maçãs do rosto impossivelmente afiladas, cabelo castanho curto e olhos cinzentos, esperava que um dia os seus filhos herdassem a beleza e a mente aberta da mãe.

Exatamente o que é que Nick oferecera a Sally em troca, não sabia bem, mas quando a pedira em casamento, no terceiro aniversário de namoro, num restaurante em Santorini, ela chorara tanto, que ele não conseguira ter a certeza se Sally tinha aceitado ou recusado.

— Se vocês os dois são o melhor exemplo do que significa ter uma correspondência, estou bastante feliz por eu e a Sal continuarmos a ser o que somos — provocou Nick, fazendo deslizar

os óculos pelo nariz para esfregar os olhos cansados. Pegou no cigarro eletrónico e deu algumas passas. — Estamos juntos há quase quatro anos, e agora, que ela prometeu amar-me, honrar-me e obedecer-me, tenho cem por cento de certeza de que fomos feitos um para o outro.

— Espera aí, espera, «obedecer»? — interrompeu Sumaira, erguendo uma sobrancelha. — Deves ter cá uma sorte...

— Tu obedeces-me — disse Deepak, de modo confiante. — Toda a gente sabe que sou eu que uso as calças no nosso relacionamento.

— Pois usas, querido, mas pergunta a ti mesmo quem é que tas compra.

— E se afinal não for assim? — perguntou Sally subitamente. — Se não formos feitos um para o outro?

Até então, Nick ouvira com aparente divertimento as tentativas de Sumaira de os convencer a fazer o teste do *Match Your DNA*. Não era a primeira vez que ela abordava o assunto nos dois anos em que se conheciam, e Nick tinha a certeza de que não seria a última. A amiga de Sally conseguia ser, ao mesmo tempo, beligerante e persuasiva. Mas surpreendera-o ouvir as palavras da noiva. Ela, tal como ele, fora sempre muito anti-*Match Your DNA*.

— Desculpa? — disse ele.

— Sabes que te amo de todo o meu coração e quero passar o resto da minha vida contigo, mas... e se não formos verdadeiras Almas Gémeas?

Nick franziu a testa.

— De onde surgiu isso agora?

— Oh, de lado nenhum, não te preocupes, não estou com dúvidas nem nada disso. — Sally deu-lhe uma palmadinha reconfortante no braço. — Estava só aqui a pensar: será que nos sentimos felizes por *acharmos* que somos a pessoa certa um para o outro ou queremos *mesmo* saber?

— Querida, estás bêbeda. — Nick ignorou-a e coçou a barba rala. — Estou perfeitamente feliz por saber o que sei e não preciso que nenhum teste mo diga.

— Li um artigo online que dizia que o *Match Your DNA* vai destruir cerca de 3 milhões de casamentos. Mas, daqui a uma geração, quase não existirá divórcio — disse Sumaira.

— Isso é porque o casamento também vai deixar de ser algo «relevante» — replicou Deepak. — Vai tornar-se uma instituição antiquada, escrevam o que eu estou a dizer. Ninguém vai precisar de provar nada, porque toda a gente estará junto da pessoa a quem está destinada.

— Não estás mesmo a ajudar-me — disse Nick, espetando o garfo nos restos do *cheesecake* de framboesa de Sally.

— Desculpa, amigo, tens razão. Vamos fazer um brinde. À certeza do acaso.

— À certeza do acaso — responderam os outros, batendo os copos no de Nick.

Todos os copos tocaram o dele, menos o de Sally.





## ELLIE

Ellie olhou para o ecrã do tablet e pôs-se a amaldiçoar a extensa lista de tarefas que precisava de completar antes do fim do dia de trabalho.

A sua assistente, Ula, era extremamente eficiente, atualizando e atribuindo prioridades à sua lista cinco vezes por dia, apesar de Ellie nunca lho pedir. Em vez de achar isso útil, Ellie sentia muitas vezes animosidade, tanto pelo tablet como por Ula, por a recordarem constantemente de que não conseguia chegar ao fim da lista. Por vezes, apetecia-lhe enfiar o aparelho pela garganta de Ula abaixo.

Sendo patroa de si própria, Ellie esperara que, por esta altura, já tivesse contratado pessoal suficiente e confiável para delegar uma grande parte da sua carga de trabalho. Porém, à medida que o tempo avançava, começara gradualmente a aceitar o epíteto de «fanática do controlo» que um ex-namorado certa vez lhe atribuíra.

Olhou para o relógio. Eram 22h10, o que significava que já tinha perdido a festa em honra do seu responsável de operações, que fora pai recentemente. Duvidava que alguém tivesse acreditado na sua promessa de comparecer — raramente arranjava tempo para confraternizar —, e embora o incentivasse entre o seu pessoal e até subsidiasse o clube social da empresa, quando se tratava da sua

própria participação, o tempo tinha o hábito de lhe escapar, apesar das suas melhores intenções.

Ellie soltou um longo bocejo e espreitou pelas janelas de vidro de cima a baixo. O seu escritório ostensivamente não ostensivo ficava no 71.º andar do edifício The Shard, em Londres, e a vista panorâmica permitia-lhe avistar muito para lá do Tamisa, seguindo as luzes coloridas que iluminavam o céu noturno até onde a vista alcançava.

Tirou as sandálias *Miu Miu* de salto alto e caminhou descalça sobre os espessos tapetes brancos que adornavam o chão, em direção ao armário das bebidas ao canto da sala. Ignorou todo o champanhe, vinho, uísque e vodca e escolheu uma bebida energética de entre uma dúzia de latas geladas. Serviu-a num copo com um punhado de cubos de gelo e deu um gole. A decoração do seu escritório era tão frugal quanto a da sua casa, percebeu. Não revelava nada acerca de si própria. Mas quando uma pessoa não confiava o suficiente nas suas próprias decisões, era muito mais conveniente pagar a designers de interiores para que as tomassem por si.

O negócio de Ellie era a sua prioridade, não o número de fios do algodão egípcio que cobria a sua cama, quantos quadros de David Hockney tinha pendurados nas suas paredes ou a quantidade de cristais *Swarovski* que tinha sido usada no lustre do vestíbulo.

Voltou à secretária e, de modo relutante, olhou para a lista de afazeres do dia seguinte que Ula já compilara. Esperava pelo seu motorista e chefe de segurança, Andrei, que a levaria a casa, onde tencionava ler as sugestões do departamento de RP em relação ao seu próximo discurso à comunicação social, sobre uma nova atualização da sua aplicação. Esta atualização revolucionaria o setor, por isso tinha de correr bem.

Depois, às 5h30 da manhã seguinte, um cabeleireiro e um maquilhador iriam ter com ela à sua casa em Belgravia, antes das entrevistas de televisão pré-gravadas com a CNN, a BBC News 24, a Fox News e a Al Jazeera. Em seguida, sentar-se-ia com um jornalista do *Economist*, posaria para algumas fotos para a *Press Association* e,

com sorte, estaria de volta a casa antes das 10 horas. *Não é a melhor forma de começar o sábado*, pensou.

O publicista de Ellie já avisara as agências noticiosas de que ela falaria apenas do seu trabalho, e questões acerca da sua vida pessoal estavam absolutamente proibidas. Isso fizera-a rejeitar recentemente um artigo de fundo na *Vogue*, mesmo incluindo uma sessão fotográfica com a lendária Annie Leibovitz. Teria algumas páginas, que seriam esmiuçadas por publicações de todo o mundo, mas não valia o preço da sua privacidade. Essa já sofrera o suficiente ao longo dos anos.

Além de ser visivelmente reservada acerca da sua vida fora do trabalho, Ellie também não queria lidar publicamente com o género de críticas que o seu negócio recebia — confiava na sua equipa de RP para lidar com qualquer negatividade em relação a si. Aprendera com os erros do falecido Steve Jobs relativamente aos problemas com a antena do *iPhone 4*, apercebendo-se dos danos que, na altura, isso causara, tanto à marca como ao seu responsável.

O seu telemóvel pessoal iluminou-se em cima da mesa. Poucas pessoas tinham o privilégio de ter esse número ou o seu endereço de e-mail privado: na verdade, apenas uma dúzia dos seus 4 mil empregados em todo o mundo e membros da família que mal tinha tempo para ver. Não é que não pensasse frequentemente na família — dera-lhes bastante dinheiro ao longo dos anos para compensar a sua ausência —, mas tudo se resumia ao facto de o dia não ter horas suficientes e a uma falta de compreensão mútua. Ellie não tinha filhos; eles tinham. Eles não tinham uma empresa global no valor de muitos milhares de milhões de libras para gerir; Ellie tinha.

Pegou no telefone e reconheceu o endereço de e-mail no ecrã. Curiosa, abriu-o. «Confirmação de correspondência do *Match Your DNA*», dizia. Franziu a testa. Apesar de se ter registado no site há muito tempo, a sua reação inicial foi desconfiar que um dos seus empregados estava a pregar-lhe uma partida.

«Ellie Ayling. O seu parceiro ideal é Timothy, do sexo masculino, Leighton Buzzard, Inglaterra. Por favor, confira as instruções abaixo para aceder ao seu perfil completo.»

Pousou o telefone na mesa e fechou os olhos.

— É a última coisa de que preciso — murmurou, desligando o aparelho.



## MANDY

— Já tiveste notícias dele?

— Mandou-te mensagem? Ou um e-mail?

— Ele é de onde?

— Qual é a profissão dele?

— Como é a sua voz? Rouca e sexy? Ou tem sotaque?

O dilúvio de perguntas da família de Mandy chegou caudaloso e rápido. As suas três irmãs e a mãe estavam debruçadas sobre a mesa da sala de jantar, famintas de informação acerca do seu Match, Richard. Estavam igualmente famintas do conteúdo das quatro caixas de pizza, pão de alho e molhos espalhados diante delas.

— Não. Não. É de Peterborough. É *personal trainer* e não, não faço ideia de como é a sua voz — respondeu Mandy.

— Então mostra-nos a foto dele! — pediu Kirstin. — Estou desejosa de o ver.

— Só tenho duas ou três, que copiei do perfil do *Facebook*. — Na verdade, tinha pelo menos 50, mas Mandy não queria que elas percebessem como estava apanhadinha.

— Oh, meu Deus, não queres mostrar-nos porque ele te enviou uma fotografia da pila, não foi? — exclamou a mãe.

— Mãe! — gritou Mandy. — Já te disse que ainda não falámos e que não lhe vi nenhuma fotografia da pila.

— Por falar em pilas, vou ceder ao festim carnal — disse Paula, oferecendo uma fatia à irmã. Mandy abanou a cabeça. Acreditava piamente que, enquanto as suas irmãs casadas podiam repousar sobre os louros e comer o que lhes apetecesse, ela precisava de ter cuidado com o que ingeria. Não interessava também que este fosse um dia de batota; de acordo com a *Grazia*, a diferença entre um tamanho 42 e um 44 podia, por vezes, ser uma única garfada.

Mandy escolheu a fotografia do Richard surfista, em tronco nu, e passou o telemóvel em volta da mesa para a família ver.

— Caramba, é um tipo em grande forma! — guinchou Paula. — Mas deve ser uma década mais novo do que tu! Arranjaste um rapazinho, és uma dessas mulheres que gosta de andar com homens mais novos, não és?

— Então, quando é que vais conhecê-lo? — perguntou Kirstin.

— Ainda não sei, primeiro temos de conversar.

— Ela está à espera de outra fotografia da pila dele, para ter a certeza de que as medidas são as corretas — disse Karen, provocando uma gargalhada geral.

— Vocês têm mentes badalhocas — disse Mandy. — Quem me dera não vos ter contado nada.

Ela ficara contente por, para variar, ter algumas boas notícias sobre a sua vida amorosa para partilhar com a família. Com três irmãs mais novas que já tinham assentado e casado — todas com as suas Almas Gémeas —, sentia-se assolada por inseguranças e começara a sentir que tinha ficado na prateleira, sobretudo depois de elas terem começado a ter filhos. Mandy era uma divorciada de 37 anos, e começava a achar que nunca seria outra coisa. Contudo, desde que Richard entrara na sua vida — embora ainda não em pessoa —, tudo parecia mais animado, e ela só conseguia pensar em como as coisas estavam prestes a mudar para melhor.

O e-mail de confirmação que recebera do *Match Your DNA* informara-a de que Richard tinha permitido que, caso fosse a correspondência de alguém, os seus detalhes de contacto fossem enviados para essa pessoa. Ele teria recebido também uma notificação

e os contactos dela, mas ainda não a contactara. O suspense estava a matá-la. Contudo, Mandy era dona de um coração à moda antiga, e achava que devia ser o homem a dar o primeiro passo.

— Muito bem, vou dizer-te o que precisas de fazer — começou Kirstin. — Antes de mais, manda-lhe uma mensagem. Sê proativa e marca um encontro para se conhecerem pessoalmente, num restaurante ou algo do género. Um daqueles que estão na moda, como o Carluccio's ou o Jamie's. Depois fá-lo aguentar alguns encontros antes de o deixares beijar-te, já para não falar do resto.

— Oh, para o diabo com isso! — interrompeu Paula, que deu uma longa baforada no seu cigarro eletrónico. — A beleza de encontrar um Match é que não tens de perder tempo com esses jogos. Sabes que são perfeitos um para o outro, por isso vão fornicar até vos parar o cérebro.

Mandy sentiu o seu rosto ficar escarlate.

A mãe abanou a cabeça e revirou os olhos.

— A Mandy não é como tu, Paula — disse Karen. — Ela sempre fez as coisas lentamente.

— E olha onde é que isso a levou. — Paula virou-se para Mandy e disse: — Sem ofensa. Mas o que estou a dizer é que ela já não precisa de ir tão devagar. A mãe era capaz de dar o braço direito para voltar a ser avó, e eu e a Karen já gastámos o suficiente em designers de vaginas para não querermos ter mais filhos. E Kirstin, sim, eu sei que as lésbicas também podem ter bebés, mas estás demasiado ocupada com casos sem compromisso para pensar em assentar. Mandy, o neto número quatro é responsabilidade tua. Pensa só, daqui a um ano, podes estar casada e grávida.

Todos os olhos lançaram um aviso a Paula, que acrescentou rapidamente:

— Desculpa, não pensei.

— Não faz mal. — Mandy baixou o olhar para a mesa.

Mandy sempre desejara ter um filho, e durante o casamento com Sean sofrera dois abortos. Ela e o namorado de infância tinham casado assim que saíram da escola, tinham poupado muito,

compraram uma casa, e tentaram constituir família. Perder aqueles bebês abalara completamente o mundo de Mandy, e era parte da razão para o fim do casamento. Por vezes, havia momentos durante a noite em que, tendo apenas o silêncio por companhia no seu quarto, ela podia jurar que ouvia o tiquetaque do seu relógio biológico. Restava-lhe, decerto, menos de uma década para conceber um filho pelo método natural, e, mesmo assim, o seu corpo tinha tendência a complicações. Durante as muitas noites que passava a tomar conta das sobrinhas e do sobrinho, ansiava por ter o mesmo para si, alguém a quem amar de modo incondicional. Claro que ela amava os filhos das irmãs, mas não era de toda a mesma coisa. Sonhava ter alguém que ajudasse a criar e a moldar, alguém que dependesse dela, que precisasse dela, que a procurasse sempre em busca de orientação e que, até ao dia da sua morte, lhe chamasse «mãe».

A ideia de se tornar uma solteirona sem filhos era uma perspectiva horrível, e, à medida que os anos passavam velozmente, Mandy tinha receio de que, em vez de uma possibilidade, isso estivesse a tornar-se uma forte probabilidade.

— Acho que estás a pôr o carro à frente dos bois — disse Mandy. — Vou deixá-lo dar o primeiro passo e depois logo vemos o que acontece, está bem?

As outras assentiram de modo relutante, e Mandy recordou-se de como, ainda não há muito tempo, não se sentia segura em registar-se no *Match Your DNA*. O seu casamento tornara-se instável devido aos abortos, mas o prego final no caixão fora o facto de Sean a ter trocado subitamente por outra mulher 11 anos mais velha. Ele fizera o teste sem o conhecimento dela e recebera o seu Match. Terminara prontamente o casamento, e logo após a venda da casa de ambos, mudara-se para um *château* no campo, em Bordeaux, para estar com a sua parceira francesa. Mandy ficara a recolher os cacos — uma casa minúscula e um coração partido.

O *Match Your DNA* já não era o inimigo — o tempo fizera com que Mandy se reconciliasse com isso. E agora, depois de três anos



solteira, estava pronta para voltar a partilhar a sua vida, desta vez com alguém feito para ela, em vez de deixar as coisas ao acaso. O que é que podia correr mal?

Esperava que o seu Match pensasse a mesma coisa, embora estivesse a demorar algum tempo para entrar em contacto. Rezava para que ele não fosse já casado e que ela não estivesse prestes a destruir um lar feliz, como Régine fizera com ela, só para ter o marido e o filho que eram seus por direito.



## CHRISTOPHER

Christopher estava sentado a uma antiga secretária de madeira no quarto dos arrumos, situado na parte de trás do seu apartamento de dois andares.

Ligou os dois monitores de computador e os teclados *wireless bluetooth* e ajustou as suas posições até estarem perfeitamente paralelos um ao outro. Abriu os e-mails no primeiro ecrã, e no segundo percorreu alguns programas antes de clicar no link *Onde Está o Meu Telemóvel?*, que descarregara alguns meses antes. Vinte e quatro números de telefone diferentes apareceram no ecrã, mas só dois acenderam uma luz verde brilhante, indicando que os seus utilizadores estavam em movimento. *Bastante normal para esta hora da noite*, pensou ele.

Foi o penúltimo número de telefone que lhe despertou a curiosidade. Abriu um mapa na barra de ferramentas e acrescentou um círculo vermelho para indicar onde estava o utilizador. O sistema de GPS do telefone dela mostrou-lhe a sua localização atual: a rua onde ela morava.

Com base no seu padrão típico de comportamento, a Número Sete devia ter terminado o turno na despreziosa churrasqueira do Soho onde trabalhava até cerca das onze da noite. Depois teria apanhado o autocarro 29 para casa. Previa que ela estivesse na cama dali a uma hora, antes do seu segundo trabalho como empregada

de limpeza num escritório no centro de Londres, às seis da manhã. Era entre estas horas que o trabalho de Christopher podia começar.

Ao reduzir as suas escolhas, levava em consideração a forma como chegaria até elas, e sabia bastante bem a que distância se encontrava de cada uma das suas casas. Aprendera com os erros de outros como ele que não devia existir um padrão quanto à localização dos seus alvos — devia manter tudo aleatório à superfície, mas em perfeita ordem por baixo. E ao longo do tempo, percebera para onde devia deslocar-se de carro, quem ficaria mais bem servido por uma bicicleta e a que sítios chegaria mais facilmente a pé.

O apartamento da Número Sete ficava a apenas 20 minutos a pé da sua casa.

— Perfeito — murmurou ele, feliz consigo mesmo.

Mas a sua atenção foi desviada do círculo vermelho num ecrã para o outro, que mostrava as suas dezenas de contas de e-mail. O e-mail do *Match Your DNA* estava por abrir desde que entrara na sua caixa de correio há quatro noites, quando ele estava preocupado com a Número Seis. Porém, ao vê-lo de novo, ficou curioso em relação à mulher que a sua biologia determinava ser a mais apropriada. Pelo menos, esperava que fosse uma mulher — já tinha lido histórias de pessoas cuja correspondência era alguém do mesmo sexo ou pessoas décadas mais velhas. Ele não queria ser amado por uma bicha nem por um geriátrico; na verdade, Christopher não queria propriamente ser amado por ninguém. Ao longo dos seus 33 anos, desperdiçara tempo suficiente em relações breves para compreender a quantidade de esforço necessária para satisfazer outra pessoa. Isso não era para ele.

Contudo, apesar de todos os contratempos que um potencial Match apresentava, continuava curioso em relação ao seu. Olhou pela janela, espreitando a escuridão do seu jardim e permitindo-se imaginar como seria divertido avançar com o seu projeto, enquanto fingia uma existência normal e monótona como parte de um casal.

Abriu a caixa de e-mails. «Amy Brookbanks, sexo feminino, 31 anos, Londres, Inglaterra», dizia, juntamente com o seu endereço

de e-mail. Agradava-lhe o facto de ela não ter disponibilizado o número de telemóvel; mostrava prudência. Muitas das raparigas da sua lista não tinham demonstrado esse grau de previdência e isso fora — e continuaria a ser — o seu fim. Decidiu que, quando voltasse a casa, nessa noite, enviaria um e-mail a Amy para se apresentar, só para ver o que ela tinha a dizer.

Tal como previra, no outro ecrã a localização do telefone da Número Sete permanecia estacionária. Satisfeito, desligou ambos os monitores, trancou o quarto dos arrumos e foi diretamente ao armário da cozinha, onde mantinha o saco equipado. Guardou no saco o cortador de queijo com pegas de madeira acabado de desinfetar, juntamente com o telefone pré-pago com o número dela colado nas costas, as luvas e a máquina *Polaroid*.

Enquanto enfiava as luvas e vestia o sobretudo, olhou para a máquina. Não era uma original dos anos 70, porque o papel usado nas impressões era demasiado fácil de detetar pela polícia. O papel da sua máquina estava disponível em todo o lado, e a máquina era digital e tinha funcionalidades atuais, como filtros coloridos. Cada Número da sua lista tinha usado uma fotografia de perfil que também fora publicada no *Instagram*, e enquanto fechava a porta de casa, ajustava as alças da mochila e começava a caminhar rapidamente pela rua, Christopher apercebeu-se de que queria que os seus Números se apresentassem no seu melhor, mesmo na morte.



## JADE

Jade observou, divertida, enquanto as terapeutas de beleza do spa do hotel, Shawna e Lucy, abriam os sacos de plástico do Aldi para tirar os seus almoços de aspeto miserável.

O conteúdo do saco de Shawna consistia em meia dúzia de talos de aipo finamente cortados, embrulhados em película aderente, e um frasco de húmus picante baixo em calorias, enquanto Lucy embrulhara um pãozinho de sementes sem glúten e uma canja instantânea de galinha que ainda fumegava, depois de aquecida no micro-ondas da cantina.

Jade tirou da mala o seu *Tupperware* com o almoço. Embalara um saco de cebolas em pickle *Monster Munch*, um pacote pequenino de *Maltesers*, uma sanduíche recheada de fiambre e pickles e uma lata de *Pepsi*. Não desejava imitar as dietas das suas colegas de 30 e tal anos. *Que se lixe o biquíni*, pensou, dando uma dentada na sandes.

— Então, como vão as coisas com aquele tipo que conhecestes no clube? — perguntou Shawna a Lucy, lambendo um pingão de húmus que lhe caíra numa das unhas falsas.

— Está a ser um idiota — fungou Lucy. — Disse que me levava a jantar fora na noite passada... que acabou por ser no Nando's, e passou a noite a olhar para a gaja esquelética que trabalhava na caixa. Caraças, quem é que faz isso num encontro? É uma enorme falta de respeito.

— A sério? Ele é mesmo mulherengo.

— Pois é, pois é. Mas vai lá a casa esta noite; eu disse que fazia o jantar. E tu? Aquele tipo das tatuagens, do *Tinder*?

— O Denzel? Diz que gosta de mim, mas já não dá notícias há uns quatro dias, para aí. Acreditam nisto?

Jade abanou a cabeça e deu mais uma dentada na sandes.

— Horrível. Não sei como aguentam isso. Estou tão feliz por já não ter de passar por essas coisas — disse, entre dentadas.

Eram conversas assim que a lembravam da sorte que tinha por ter conhecido Kevin no *Match Your DNA*, mas chateava-a que ele vivesse a meio mundo de distância, na Austrália. Antes de receber o e-mail a confirmar o seu Match, estivera na mesma posição que as colegas de trabalho, embora gostasse de pensar que era mais criteriosa com os seus homens. Na verdade, namorara a mesma quantidade de falhados, ou «tapa-buracos», como a *Cosmopolitan* lhes chamava.

— Pois, para ti é fácil — disse Lucy. — Encontrei o teu homem.

— Mas não está propriamente à minha porta, pois não? — replicou Jade. — Não posso aparecer para um jantar e curtir um bocado, pois não? Pelo menos vocês interagem na realidade com esses rapazes, mesmo que eles vos tratem como bosta.

— Os homens são mesmo assim, não é? — disse Shawna. — Se não fazes parte dos milhões nesse registo que já encontraram o seu Match, tens de te contentar com o que conseguires até que o Sr. Certo apareça. *Se* aparecer.

— Até lá, temos de nos aguentar com um monte de idiotas — acrescentou Lucy.

— Não, meninas, nisso estão erradas. — Jade deleitava-se em dizer-lhes o que deviam fazer. — Se nós, raparigas, pensarmos todas em conjunto, rescrevermos o livro de código feminino e concordarmos em *parar* de permitir que nos tratem como lixo, os rapazes não terão escolha senão melhorar o seu comportamento. Até lá, eles vão simplesmente continuar assim, porque nós deixamos.

— O que eu não percebo é o que te está a impedir de ir para a Austrália e viver feliz para sempre com o Kevin — disse Shawna.

— Se a ciência diz que ele é o certo para ti, porque estás aqui a desperdiçar a tua vida?

— Não posso largar tudo e ir-me embora. — Jade abanou a cabeça com firmeza. — Sabes quanto custa um voo para a Austrália? Acabei agora de pagar *um* dos meus cartões de crédito. Além disso, tenho de pensar no meu apartamento, na minha carreira, na minha família...

— O teu apartamento é arrendado, não tens uma carreira, tens um emprego que odeias — eu sei, porque todas nós odiamos este sítio —, e vês a tua família quando o rei faz anos. Portanto, se é por isso, não tens realmente uma desculpa.

— Também não é como se estivesses propriamente a dar um grande salto de fé, pois não? — continuou Lucy. — Vocês foram, literalmente, feitos um para o outro. Diz-me o que te agrada nele.

Jade riu-se. Não havia nada que lhe desagradasse em Kevin. Bem, a não ser o seu código postal.

— É divertido, faz-me sentir bem em relação a mim própria, é bondoso, tem um sorriso lindo...

— Têm mandado *selfies* sexy um ao outro?

— Claro que não. — Jade foi categórica. — Não sou uma oferecida.

Na verdade, ela tentara uma vez, mas Kevin pareceu não gostar.

— Caramba! — riu-se Lucy. — Há *selfies* de mim nua a flutuar em torno do ciberespaço em número suficiente para afundar a Internet.

Jade concordou e deu uma das suas gargalhadas roucas, que faziam toda a gente amá-la.

— Bem, mas pelo menos fazem *sexting*, não fazem? — interrompeu Shawna.

— *Sexting*?

— Sim, ora, trocar mensagens de texto porcas, ou ter conversas porcas ao telefone? Dizeres-lhe o que lhe queres fazer quando o vires?

Jade abanou a cabeça.

— E momentos sexy no *Skype*? Ou no *FaceTime*?

— O Kevin não tem uma coisa nem outra. — Jade sugerira um par de vezes que falassem por *Skype*, mas ele não tinha portátil nem smartphone. Se ela achava que as suas finanças eram más, isso não era nada em comparação com Kevin e a sua cidadezinha no fim do mundo. Era uma das muitas coisas que tinham em comum.

— Disseste que ele vivia na Austrália ou em 1950? — continuou Shawna. — Não é do teu género, deixares um homem contar-te histórias.

— Não preciso de o ver andar de um lado para o outro a fazer caretas como um idiota para saber o que sinto por ele.

Shawna e Lucy entreolharam-se e assentiram com a cabeça ao mesmo tempo.

— Então é mesmo amor — disse Shawna. — A menina Jade Sewell sabe sempre tudo, mas se ele é tão maravilhoso como dizes, tens de deixar de perder tempo aqui e ir visitá-lo.

— Ou acabarás como nós — disse Lucy, a rir-se, embora Jade pressentisse uma espécie de aviso no seu tom. — A sério, Jade, querida, aqui não temos muito por onde escolher. Todos os dias, mais um tipo disponível é apanhado pelo seu Match. Eu e a Shawna parecemos abutres a apanhar os ossos do que ficou para trás, e, acredita, não é sensato. Não é mesmo. Se eu tivesse uma hipótese de estar com o meu Match, apanhava o primeiro avião daqui para fora, em vez de estar a almoçar na cantina de serviço de um hotel.

— Pois, deixa de arranjar desculpas — acrescentou Shawna.

— Raparigas como nós não fazem esse género de coisas — disse Jade, abalada pela franqueza de Lucy. — Não posso largar tudo e ir-me embora sem mais nem menos. E, como eu disse, um voo para a Austrália custa os olhos da cara.

— Quanto te resta no cartão de crédito?

— Bem, acabei de pagar um...

— Qual é o limite?

— Umás duas mil libras, acho eu.



— Nesse caso, paga as tuas férias com plástico. O que é que tens a perder? Precisas de arranjar tomates, jeitosa.

— Não me obrigues a pôr os tomates de fora e dar-te com eles na cara. Simplesmente não é para mim, ir atrás de um tipo até ao outro lado do mundo.

Shawna e Lucy fitaram-na, ambas com as sobrancelhas tatuadas tão erguidas quanto o *botox* lhes permitia.

— Não estás a ir atrás dele, linda. Ele já é teu.

— Não posso — insistiu Jade, mas depois deteve-se. — Ou será que posso?

# BASTA UM SIMPLES TESTE DE ADN PARA SE ENCONTRAR O AMOR.

---

Esta é a promessa da aplicação *Match Your DNA*, que apresenta aos seus utilizadores o parceiro que a genética lhes destinou. Desde que este novo sistema surgiu, milhões de pessoas em todo o mundo já encontraram a sua cara-metade. Mas as consequências não se fizeram esperar: os resultados da aplicação ditaram o fim de inúmeros relacionamentos e muitos casais começaram a pôr em causa as ideias tradicionais de amor, romance e compromisso.

Christopher, Jade, Mandy, Nick e Ellie acabaram de saber os resultados dos seus testes e estão prestes a descobrir, nesta demanda pelo amor, que nem sempre o final feliz está garantido... mesmo quando encontram o seu par ideal.

Afinal, até as almas gémeas escondem segredos, uns mais chocantes do que outros.

**ESCOLHA DO WALL STREET JOURNAL  
PARA MELHOR LIVRO DE FICÇÃO CIENTÍFICA**


---

«Se um teste de ADN lhe permitisse descobrir a sua alma gémea, estaria disposto a fazê-lo? Uma história inteligente que prova que — mesmo com o apoio da ciência — o amor verdadeiro nunca é fácil.»

*Irish Sunday Mirror*

«Um thriller negro para os céticos do Dia de São Valentim.»

*The New York Post*

<p><b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-8864-89-5  9 789898 864895 Literatura Fantástica</p>
---	---